



A conspiração republicana e monárquicos discutindo o sexo dos anjos

1909

Fora das oligarquias estabelecidas não há lugar à vida política, nem para homens nem para partidos, e, para estar, ou para entrar, nessas oligarquias, mister é, e condição única, servir, como escravo o oligarca a quem se está enfeudado e adoptar o "ista" estabelecido, com a radical do nome do respectivo patrono. Isto ficou assente. Mesmo dentro de cada partido, os clientes ostentam a sua denominação designativa dos respectivos patronos com desvanecimento. É vulgar assim dizer-se com ufania: sou de F... - Esta é a base da formação, e manutenção, dos partidos, geralmente falando, claro é (Jacinto Cândido)

● **Futurismo e corporativismo** – Jacinto Cândido (1857-1926) lança uma obra de vulgarização do novo partido católico português *A Doutrina Nacionalista*, José Tavares (1873-1924) publica *Ciência do Direito Político*. E Costa Lobo disserta sobre *As Origens do Sebastianismo*, sendo também de destacar Adolfo Lima, com *O Contrato de Trabalho*, e José Lobo d'Ávila Lima, com *Socorros Mútuos e Seguros Sociais*. Estamos no ano da emissão do *Manifesto Futurista* de Marinetti, destaca-se a emergência de um conceito de política social de marca teocrática e corporativista, que começou a ser alternativa à sociologia socialista. Assim, René de la Tour du Pin (1834-1924), em *Aphorismes de Politique Social*, onde a sociedade aparece como um todo orgânico, dependente de uma lei de Deus (*clef de voûte de l'édifice sociale*). Assume a defesa do corporativismo, a partir da família, da oficina e das corporações. Marinetti invoca o amor pelo perigo, o hábito da energia e a temeridade, com coragem, audácia, revolta. Saúda-se a beleza da velocidade e que só há beleza na luta. Também proclama: encontramos-nos no promontório extremo dos séculos!... Como olhar para trás, num momento em que é necessário rasgar os véus misteriosos do Impossível? O Tempo e o Espaço morreram ontem. Vivemos já no absoluto, porque já criámos a eterna velocidade omnipresente. Queremos glorificar a guerra, - a única higiene do mundo – o militarismo, o patriotismo, o gesto destruidor dos anarquistas, as belas ideias que matam, e o desprezo da mulher. Queremos demolir os museus, as bibliotecas, combater o moralismo, o feminismo e todas as cobardias oportunistas e utilitárias... A Arte não pode ser senão violência, crueldade e injustiça ... De pé, sobre os pináculos do mundo lançamos mais uma vez o desafio das estrelas.

● **Catástrofe ou libertação?** – Sampaio Bruno em *A Dictadura. Subsídios Moraes para seu Juízo Crítico*, Porto, 1909, onde replica aos elementos conservantistas que, durante o franquismo proclamavam que caminhávamos para a catástrofe, refere que tinham razão; somente ao que eles chamavam a catástrofe, chamávamos nós a

libertação, porque era o encerramento enfim do vasto período de tiranias e de embustes, de desperdícios e de favoritismos, de desigualdade e de caciquismo de que a nação vem sofrendo, tão só com gáudio e aprazimento da minoria prevalecente dos que têm prosperado ilegitimamente à custa

dos alheios direitos, postergados e escarnecidos.

●**Todos conspiram** – João Chagas salienta que *todos coixam, tramam, conspiram, espreitam, espionam, recebem ordens, partem para aqui, para ali, em expedição, cosem-se com as esquinas, andam de gatas por baixo da terra.*

●**Estamos perdidos** – António Lino Neto, numa conferência realizada na Real Associação Central da Agricultura Português em 2 de Maio, considera que se ouve a cada passo dizer a este, que estamos irremediavelmente perdidos como estado político, àquele que só com uma administração estrangeira poderemos salvar-nos dum bancarrota iminente, a estoutro que já não vale a pena trabalhar por um povo liquidado.

●**A fatalidade e o acaso** – *A Monarquia liberal acabou em Fevereiro do ano passado. O que lhe sobreviveu foi um equívoco da fatalidade e do acaso, e a história não consente o predomínio de equívocos. A história tem uma lógica* (João Chagas).

●Estudantes republicanos lançam em Lisboa, em Fevereiro, o **Centro Democrático Académico** que decide não filiar-se no Partido Republicano. Entre os fundadores, Fidelino de Figueiredo.

●**Divergências entre monárquicos** – Logo após a tomada de posse do novo governo, Júlio de Vilhena, que contava ser chamado pelo rei, demite-se da chefia dos regeneradores, sucedendo-lhe Teixeira de Sousa, em 16 de Janeiro, o que logo provoca nova dissidência, liderada por Campos Henriques. Nesta senda, o vilhenista Caeiro da Mata, em pleno parlamento, acusa Campos Henriques (*um governo de camarilha e de sacristia, presidido por um traidor*) e Manuel Afonso Espregueira (chama-lhe *burlão*, por causa de um empréstimo para os Caminhos-de-ferro do Estado) (10 de Março). Segue-se o inevitável duelo entre Caeiro da Mata e o ministro da fazenda (17 de Março).

●**A monarquia dos padres** – *D. Manuel subiu ao trono e a monarquia foi dos padres* (João Chagas). Também Ferreira do Amaral, na própria Câmara dos Pares, há-de explicar a sua queda argumentando com a intervenção de elementos clericais na vida do Paço.

●**Anticlericalismo** – Em 2 de Agosto, uma gigantesca manifestação anticlerical em Lisboa reúne cerca de cem mil pessoas, exigindo-se o cumprimento da lei sobre associações religiosas. Em Dezembro, outra, do mesmo teor, promovida pela Junta Liberal, de Miguel Bombarda, Egas Moniz e do almirante Carlos Cândido dos Reis (1852-1910).

●**O mal está no Paço** – *O mal de agora, como o mal de sempre, está no Paço. É à sua protecção indiscutível, à simpatia que ele dispensa a todos os elementos de opressão e de obscurantismo, que o clericalismo vai beber alentos, haurir audácia para as suas intoleráveis provocações* (Alexandre Braga)

●**A conspiração republicana** – A Carbonária Portuguesa, tendo no comando operacional Machado Santos e António Maria da Silva, e já em ligação com o directório do PRP, vai disseminando a sua organização no seio do Exército e na Marinha, duplicando os seus efectivos em Lisboa e estendendo-se à província. Fazem também íntima ligação com as estruturas do Grande Oriente Lusitano, através de José de Castro. Terão, então cerca de 34 000 obreiros.

●**Procuradores de interesses estrangeiros** – *Os bragaças foram sempre em Portugal procuradores de interesses estrangeiros... O liberalismo, pode dizer-se, é uma aventura inglesa* (João Chagas).

●**Tumultos** em Valpaços (5 de Março). Seguem-se os de Alijó e Murça, dos viticultores do Douro (13 de Março).

●**Pátria republicana** – *Em Portugal já não há hoje interesses de género que possam associar monárquicos e republicanos. A pátria de uns já não é a pátria de outros* (João Chagas).



●**Governo n.º 52** (11 de Abril) **Sebastião Teles** (34 dias). Com quatro progressistas, dois henriquistas e um amaralista. Diz-se *um ministério de liberdade, de acalmção e de administração*. Segundo os críticos, estão três ministros que

são da casa militar de el-rei e outros tantos que são a casa civil de José Luciano.

●Teles havia sido indicado por Veiga Beirão, tendo em vista o controlo do Exército, bastante infiltrado pelos republicanos.

●Presidente²⁷ acumula a guerra. Alexandre Cabral, reitor da Universidade de Coimbra, no reino. Amadeu Teles da Silva de Afonseca Mesquita de Carmo (n. 1875), conde de Castro e Sola, magistrado e chefe dos regeneradores em Braga, na justiça. Major José Soares Branco na fazenda. João de Azevedo Coutinho (1865-1944), governador civil de Lisboa, na marinha e ultramar. D. João de Alarcão nos estrangeiros. D. Luís de Castro nas obras públicas.

●A demagogia liberal – *Os progressistas são a demagogia liberal. Vem hereditariamente da praça pública. Sempre que não estão no poder, estão na bernarda* (João Chagas)

●Terramoto em Benavente. Morte de meia centena de pessoas (23 de Abril). Os maçons e republicanos organizam ações de solidariedade. D. Manuel II e o infante D. Afonso visitam a região devastada.

●Congresso do Partido Republicano em Setúbal (dias 24 e 25 de Abril). Surge um novo directório, afecto aos radicais, com elementos ligados à carbonária, com o mandato de fazerem a revolução, contra a perspectiva legalista de Bernardino Machado. Dele, fazem parte Teófilo Braga, Basílio Teles, José Relvas, Eusébio Leão (1864-1926) e Cupertino Ribeiro. Os anteriores notáveis do partido são remetidos para uma junta consultiva. Nomeada uma comissão financeira, presidida por Bernardino Machado, visando angariar fundos para a revolução. Criado um comité revolucionário, dito comissão executiva de Lisboa, composto por João Chagas, Afonso Costa, António José de Almeida e Cândido dos Reis.

●A impossível revolução moral – *A revolução urgente não é social nem política, é moral. Nem havia a escolher entre monarquia e república, pois que, para escolher entre duas coisas, é*



necessário existirem (Guerra Junqueiro)

●O governo cai por causa de uma questão estranha à governação. O ex-ministro Espregueira e o deputado Caeiro da Mata²⁸, depois de uma polémica, envolvem-se em duelo. No dia 25, a maioria abandona os trabalhos parlamentares, invocando a circunstância de Caeiro da Mata, ao regressar à Câmara dos Deputados, não apresentar desculpas. Segue-se novo duelo protagonizado por Caeiro da Mata, agora com Moreira Júnior, líder de uma maioria parlamentar que, no entanto, continua a retirar-se da Câmara quando aquele deputado pede a palavra e o governo é obrigado a demitir-se. Os regeneradores não henriquistas colocam-se ao lado dele. Diziam-se que a rigidez da maioria é inspirada por José Luciano, a fim de obter uma dissolução. Mas o próprio Sebastião Teles se desvincula da atitude do respectivo chefe e aconselha o rei a não dar a dissolução, para assim não ceder à pressão do chamado *Paço dos Navegantes*, nome dado à residência lisboeta do *velha raposa* que tem então como *delfim* António Cabral.

●Republicanos avançam – *O partido republicano avança a passos rápidos, e prepara-se para uma aventura revolucionária... Se não me engano, a revolução ameaça-nos de perto* (José Luciano). Como assinala Raul Brandão, *sentado na cadeira de rodas, o velho obstinado, numa sociedade a liquefazer-se, resistiu até à última, e adquiriu relevo e grandeza como se os alicerces fossem de pedra.*

●Governo nº 53 (14 de Maio) Wenceslau de Lima (223 dias). Governo dito da Politécnica do Porto, chefiado por aquele a quem Júlio de Vilhena chama depreciativamente o *valido do rei*. De marca extrapartidária, não tem, na respectiva constituição, a influência de José Luciano.



●Presidente²⁹ (regenerador dissidente) acumula o reino. Francisco José de Medeiros, magistrado, ex-progressista que chegou a

acompanhar a dissidência de Alpoim, na justiça. O oficial de engenharia Francisco de Paula de Azeredo (n. 1859), filho do conde de Samodães, lente da politécnica do Porto e amigo pessoal de Wenceslau, na fazenda. General Elvas Carneira na guerra. Comandante Manuel Terra Pereira Viana, lente da politécnica do Porto e amigo pessoal de Wenceslau, na marinha e ultramar. Coronel Carlos Roma do Bocage nos (1850-1918) nos estrangeiros – Coronel Alfredo Barjona de Freitas, ex-governador de Cabo Verde, nas obras públicas. Em 28 de Outubro de 1909: Artur Pinto Miranda Montenegro na justiça

● **Propaganda republicana:** Republicanos começam uma campanha de comícios contra o convénio do Transvaal (23 de Maio). A propaganda passa também pela Junta Liberal criada por Miguel Bombarda, com Egas Moniz, António Aurélio da Costa Ferreira (1879-1922) e Cândido dos Reis, que vai percorrendo o país, secundada pela campanha anticlerical levada a cabo pelo novo jornal, *A Lanterna*, liderado por Avelino de Almeida. No mesmo sentido, os artigos de Tomás da Fonseca (1877-1968) em *O Mundo*, que são reproduzidos em folhas avulsas. Este escritor, de marca anarquista, antigo seminarista, será deputado em 1911. Maçon desde 1906 e militante democrático, assume a chefia do gabinete de Teófilo Braga em 1910-1911.

● **O rei e os socialistas** – D. Manuel escreve a Wenceslau de Lima, salientando que *é da máxima utilidade chamar a nós* o partido socialista, quando este está prestes a realizar um congresso que iria unir as várias facções em que estava dividido desde 1891, até porque *o partido republicano tem-lhe feito uma guerra de morte*. Os contactos são feitos entre Carneiro Pacheco, do lado do Paço, e Alfredo Aquiles Monteverde, na banda dos socialistas.

● Consiglieri Pedroso vence as eleições para a presidência da **Sociedade de Geografia**, derrotando a lista monárquica liderada pelo cronista de política internacional, Carlos Roma do Bocage (1850-1918).

● Começa a **greve** dos eléctricos do Porto (8 de Julho), até ao dia 17. Segue-se a dos carreiros do Porto (14 de Agosto).

● Partido Republicano organiza uma **Comissão Militar** para organizar a

revolução (Julho). Um grupo de marinheiros do cruzador *D. Carlos* apresenta-se na sede do PRP, dizendo que querem bombardear o Paço Real (14 de Setembro).

● **Crime da Boca do Inferno** – O juiz de instrução Almeida Azevedo (antigo *Hoche* da ordem maçónica), com o secretário Abílio Marques investigam as ligações entre carbonários, principalmente o crime da Boca do Inferno, ocorrido em 10 de Outubro, quando o carbonário Domingos Guimarães assassina Manuel Nunes Pedro, um cúmplice que desviara armas das Alfândegas, onde era empregado.

● **Conflito entre o ministro da justiça**, e o **bispo de Beja**, D. Sebastião de Vasconcelos (9 de Outubro). Medeiros havia reintegrado como professores do seminário de Beja, reaberto em 1908, depois de encerrado em 1906, os irmãos Ançã, sacerdotes que o bispo não aceita. Com a saída de Medeiros, Teixeira de Sousa deixa de apoiar o governo.

● **Explosão de bomba** junto à Igreja de S. Luís dos Franceses (18 de Outubro).

● Neste mês, um agente duplo leva a inúmeras **prisões de carbonários**, pelo que acabou executado pela organização que já tem suficiente força e disciplina para se assumir como um Estado contra o Estado, antes de se transformar num autêntico Estado dentro do Estado. Comité Executivo de Lisboa encarrega três oficiais de organizar e dirigir um levantamento em nome do PRP, surgindo a chamada Comissão Militar.

● Directório do Partido Republicano emite um comunicado onde declara que o partido *já não pode separar a reacção religiosa da reacção política* (13 de Novembro).

● Republicanos vencem as eleições para **122 juntas de paróquia** (29 de Novembro)

● **O povo não está feito** – *Fazer vingar a causa do povo em Portugal é operar uma obra de prodígio. É por assim dizer-criar. O povo não está feito. É fazê-lo. Não é ressuscitá-lo. Ele nunca existiu. Na realidade, é dar-lhe nascimento e mostrá-lo à própria nação assombrada, como um homem novo e sem precedentes* (João Chagas)



● **Governo nº 54** (22 de Dezembro 1909) **Veiga Beirão** ²⁷ (187 dias). Seis meses de governo progressista, novamente sob a batuta de José Luciano, dizendo querer recuperar *o programa da Granja de 1876*, mas logo derrapando com os escândalos do caso William Hinton e do Crédito Predial, habilmente aproveitados pelos republicanos.

● **Artur Montenegro** na justiça. José Matias Nunes na guerra (numa das suas primeiras medidas há-de punir Dantas Baracho). João António de Azevedo Coutinho na marinha e ultramar. António Eduardo Augusto Vilaça nos estrangeiros (que há-de requisitar Baracho para o respectivo ministério). José António Moreira Júnior nas obras públicas. Francisco Felisberto Dias Costa, lente da Escola do Exército, na fazenda.

● **Vilhena demite-se** – A constituição deste novo governo leva a que Júlio de Vilhena, em 23 de Dezembro de 1909, abandone a chefia dos regeneradores, onde lhe sucede, em 16 de Janeiro de 1910, Teixeira de Sousa. Contudo, o grupo fica, a partir de então, insanavelmente dividido, com uma importante facção a funcionar autonomamente, sob a chefia de Campos Henriques.

● **Já ninguém salva isto** – *Estamos sobre um vulcão. Prendi vários homens das associações secretas, podia prender mil. Já ninguém salva isto, a não ser uma forte ditadura militar. E eu vou-me embora, porque não quero incorrer nas iras populares. Ou vamos para a frente ou os senhores metam-se em casa à espera que os chacinem...* (palavras do juiz de instrução António Emílio, o antigo *maçon* Hoche, a Veiga Beirão, segundo Raul Brandão).

● **Açúcar da Madeira** – William Hinton queria uma espécie de monopólio das plantações de açúcar da ilha da Madeira. O processo é denunciado por Afonso Costa na Câmara dos Deputados, acusando-o de amizades com o rei, principalmente através de cartas trocadas com D. Fernando Serpa Pimentel, comandante do iate *Amélia*.

● **Escândalo do Crédito Predial**, onde há um importante desvio de fundos praticado pelo guarda-livros Augusto Quintela, numa instituição que tinha como presidente José Luciano e a que também estava ligado Hintze Ribeiro. Também se suicida outro empregado da casa.

Almeida, Fortunato de (VI): 554-565; Cabral, António (1949): 133; Chagas, João (1908, 1ª série, *Cartas Políticas*): 89, 118, 135, 184, 225, 291; Oliveira, Lopes: 355, 362, 363, 370, 371, 373, 374, 376, 377, 378; Pabón, Jesus: 95, 96, 97; Peres, Damião/Guedes, Marques (VII): 448-452; Serrão, Joaquim Veríssimo (X): 135, 136, 138, 140, 142; Sousa, António Teixeira de (1911, I): 19, 20, 21, 86; Valente, Vasco Pulido (1976): 95, 96, 97, 99; Vilhena, Júlio de (I): 16, 234, 261; (II): 57, 216, 217, 228, 247, 254.